

POVOS INDÍGENAS DO CERRADO BRASILEIRO: INVESTIGAÇÃO-AÇÃO-PARTICIPATIVA E SUSTENTABILIDADE TERRITORIAL E SOCIOCULTURAL

Pueblos Indígenas del Cerrado Brasileño: investigación-acción-participativa y sostenibilidad territorial y sociocultural

Indigenous Peoples of the Brazilian Cerrado: participatory action research and territorial and sociocultural sustainability

DOI 10.55028/geop.v19i37.24053

Dra. Lorranne Gomes da Silva*

Dr. Edevaldo Aparecido de Sousa**

Dra. Eunice Pirkodi Caetano Moraes Tapuia***

Ms. Cláudio do Nascimento Brito Kanela****

Resumo: A pesquisa investiga os povos indígenas do Cerrado brasileiro, segundo bioma mais devastado do país nas últimas décadas, sobretudo pela monocultura de grãos e pecuária extensiva. O objetivo é analisar a situação ambiental, territorial e sociocultural das Terras Indígenas, que somam 216 e 83 povos (IBGE, 2022). As questões centrais envolvem os impactos e ameaças à vida e à cultura desses povos. A abordagem é quantitativa,

Introdução

Este texto apresenta as tratativas de uma pesquisa, que teve início em agosto de 2024 e está sendo desenvolvida pela Universidade Estadual de Goiás, câmpus Cora Coralina pelo Pro-

* Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Goiás. Professora da Universidade Estadual de Goiás (UEG), câmpus Cora Coralina, cidade de Goiás, no curso de graduação em Geografia; Mestrado em Geografia (PPGEO) e Mestrado em Ambiente e Sociedade (PPGAS), no Câmpus Sudoeste, Goiás, Brasil. É coordenadora da pesquisa aqui mencionada: Povos Indígenas do Cerrado Brasileiro. E-mail: lorranne.silva@ueg.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3760-3705>.

** Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente da Universidade Estadual de Goiás (UEG), Câmpus Sudoeste, Quirinópolis, no curso de graduação em Geografia; Mestrado em Geografia (PPGEO). Docente do Mestrado em Geografia (PPGEO) da Unemat, Câmpus Cáceres, Brasil. É colaborador da pesquisa aqui mencionada: Povos Indígenas do Cerrado Brasileiro. E-mail: edevaldo.souza@ueg.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2307-6257>.

*** Doutora em Direitos Humanos. Professora adjunta da Universidade Federal de Goiás, com atuação o Núcleo *Takinhahaky* de Formação Superior Indígena, na área de Ciências da cultura. É pesquisadora e colaboradora da pesquisa aqui mencionada: Povos Indígenas do Cerrado Brasileiro. E-mail: eunice.tapuia@ufg.br, ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-4967-7544>.

**** Claudio do Nascimento Brito Kanela. Licenciado em Ciências Contábeis pela UNOPAR. Presidente da Associação Indígena do Povo Kanela do Araguaia Aldeia Pukanū-APKAAP. Presidente do Conselho da comunidade da comarca de Porto Alegre do Norte. É colaborador da pesquisa aqui mencionada: Povos Indígenas do Cerrado Brasileiro. E-mail: claudiobrito@sesp.mt.gov.br, ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7202-9652>.

fundamentada na Investigação-Ação-Participativa (IAP), com protagonismo indígena. Os procedimentos metodológicos incluem trabalhos de campo, entrevistas e análise documental.

Palavras-chave: Povos Indígenas; Cerrado brasileiro; Território; Cultura; Natureza.

Resumen: La investigación estudia a los pueblos indígenas del Cerrado brasileño, el segundo bioma más devastado del país en las últimas décadas, principalmente debido a la monocultura de granos y la ganadería extensiva. El objetivo es analizar la situación ambiental, territorial y sociocultural de las Tierras Indígenas, que suman 216 áreas y 83 pueblos (IBGE, 2022). Las cuestiones centrales abordan los impactos y las amenazas a la vida y la cultura de estos pueblos. El enfoque es cuantitativo, basado en la Investigación-Acción-Participativa (IAP), con protagonismo indígena. Los procedimientos metodológicos incluyen trabajo de campo, entrevistas y análisis documental.

Palabras clave: Pueblos indígenas; Cerrado brasileño; Territorio; Cultura; Naturaleza.

Abstract: This research investigates the Indigenous peoples of the Brazilian Cerrado, the country's second most devastated biome in recent decades, mainly due to grain monoculture and extensive cattle ranching. The study aims to analyze the environmental, territorial, and sociocultural situation of Indigenous Lands, totaling 216 areas and 83 peoples (IBGE, 2022). Central issues involve the impacts and threats to the life and culture of these peoples. The approach is quantitative and qualitative, grounded in Participatory Action Research (PAR), with Indigenous protagonism. Methodological procedures include fieldwork, interviews, and document analysis.

Keywords: Indigenous peoples; Brazilian Cerrado; Territory; Culture; Nature.

grama de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO) e situa-se no tema sobre os povos Indígenas do Cerrado brasileiro, pesquisa-ação e desenvolvimento territorial e sociocultural sustentável do/ no espaço rural e urbano. A escolha do bioma Cerrado brasileiro como recorte espacial da pesquisa, faz-se devido aos dados apresentados por diferentes órgãos sobre o desmatamento rápido desse ambiente.

Segundo o censo demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), havia no Brasil cerca de 896.917 mil indígenas (0,47% do total de residentes no território nacional), no último censo realizado em 2022 a demografia registrada foi de 1.693.535 pessoas (0,83% da população total do país). Assim como a demografia o número de Terras Indígenas (TI) também teve aumento passando de 505 para 573 com 305 povos registrados falantes de 274 línguas e ou dialetos.

O objetivo geral é levantar e analisar a situação ambiental, territorial e sociocultural das Terras Indígenas e povos do Cerrado Brasileiro. Os objetivos específicos são: elaborar um mapa sobre as Terras Indígenas do Cerrado brasileiro; descrever e compreender a situação ambiental e territorial de cada TI do Cerrado; levantar e analisar questões socioculturais dos povos que vivem no Cerrado.

Nota-se que não há pesquisas realizadas que visualize amplamente a situação dos povos indígenas e seus

territórios, que também vivem pressionados por atividades econômicas que desmatam e mata o Cerrado todos os dias. Compreendemos que é preciso evidenciar a importância que esses povos têm para a preservação e manutenção dos biomas frente ao cenário destruidor desse ambiente.

As questões balizadoras da investigação são: Qual a situação territorial das Terras Indígenas do Cerrado brasileiro? Qual a situação sociocultural dos povos indígenas que vivem nesse ambiente tão pressionado e exterminado? Qual o grau de ameaça para os territórios, vida e cultura desses sujeitos? Pode-se dizer que os povos indígenas são guardiões do Cerrado? Como?

Metodologia

A abordagem é quantqualitativa, conforme apresenta Knechtel (2014, p. 106), que ela [...] interpreta as informações quantitativas por meio de símbolos numéricos e os dados qualitativos mediante a observação, a interação participativa e a interpretação do discurso dos sujeitos.

A abordagem qualitativa argumenta os resultados do estudo por meio de análises e percepções; descreve o problema que, normalmente, tem interpretações mais subjetivas, tais como: sensações; pensamentos; opiniões; sentimentos e percepções. A presente pesquisa será qualitativa na perspectiva da leitura e análise sobre a situação dos povos indígenas que vivem no Cerrado.

Já a abordagem quantitativa é baseada em números e gráficos para chegar a um resultado. É necessária para validar as hipóteses apresentadas e para coletar dados: observação; aplicação de questionários; análises, projeções, tabelas, quadros, mapas entre outros. A presente pesquisa será quantitativa na perspectiva da coleta de dados e informações para a elaboração do mapa sobre os povos indígenas do Cerrado brasileiro.

A pesquisa será organizada e executada em duas partes, a primeira (de agosto de 2024 a dezembro de 2025) é a etapa da elaboração dos mapas das Terras Indígenas do Cerrado. A segunda parte (de janeiro a julho de 2026), será a descrição e análise da situação ambiental e territorial das Terras Indígenas e as questões socioculturais dos povos que vivem no Cerrado. Como serão analisados 83 povos, pode ser que essa fase precise de prorrogação.

A metodologia adotada pela pesquisa é a de Investigação-Ação-Participativa (IAP). É uma metodologia de pesquisa e práxis territorial voltada para a transformação social, tendo em Orlando Fals Borda, sociólogo colombiano, um dos seus principais pensadores e difusores a partir da década de 1970. Ele tece críticas

à ciência moderna e aos métodos e paradigmas euro-norte-cêntricos e busca a construção de um paradigma de ciência popular latino-americano.

A IAP é uma metodologia colaborativa entre o pesquisador e os sujeitos pesquisados, que pode promover autorreflexões para todos os envolvidos sobre os temas investigados. É uma forma de pesquisa interativa, que visa compreender as causas de uma situação e propor mudanças. Para Saquet (p.11, 2019), “é uma reflexão ora apresentada como uma praxis popular, ecológica, participativa e contra-hegemônica, tanto para produzir conhecimento como para trabalhar com o povo que tanto precisa melhorar sua vida cotidiana”. De acordo com Naiditch (2010, p. 01):

Pesquisadores que desenvolvem pesquisa-ação estudam a realidade social sem se distanciar desta. Pesquisa-ação é contextual e realizada ao mesmo tempo em que alguma forma de ação ou intervenção resulta da pesquisa. Os resultados dessa ação servem como dados adicionais da pesquisa e são estudados ao longo do processo. Por isso, a pesquisa-ação é também descrita como um contínuo, uma série de ciclos de ações que envolvem diferentes fases de planejamento, ação, observação dos efeitos e reflexão acerca das observações e resultados obtidos. Esses ciclos também ajudam os pesquisadores a refinar suas questões de pesquisa tornando-as mais pontuais e a refletir sobre a transformação de suas perspectivas.

A pesquisa tem perspectiva teórica e de análise decolonial que busca respostas à violência da colonialidade (Mignolo, 2017), enfrentando e ressignificando formas e relações que permeiam o Ser, o Poder, o Saber e a Natureza, como caminhos “outros” de compreensão da realidade; considerando modos de pensar, ser e existir com a natureza que se distanciam das cronologias, epistemes e paradigmas modernos. Nesse contexto, busca-se verificar as contradições postas no ambiente do Cerrado que afeta diretamente os povos que nele vive.

A equipe é composta de aproximadamente 60 pessoas entre elas: professores de diferentes Universidades do país; estudantes de graduação e pós-graduação e indígenas de diferentes povos. Como a pesquisa é muito densa e complexa será organizada e desenvolvida em Grupos de Trabalhos e coordenadores por cada estado.

Para a sua execução, a pesquisa tem utilizado os seguintes laboratórios: Laboratório de Geoprocessamento para Análises Ambientais e Territoriais do Cerrado (LABCERRADO) e do Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento (LABOCA-GEO) da UEG, Câmpus Cora Coralina, da cidade de Goiás e outros laboratórios nos quais os professores das equipes estão vinculados.

A pesquisa conta com financiamento parcial da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), que destinou R\$23.500 reais para a elaboração dos mapas e do livro/cartilha.

Cerrado Brasileiro: importância e destruição

O Cerrado se estende por mais de 2 milhões de quilômetros quadrados do território brasileiro, o que equivale a quase 24% do país. Depois da Amazônia, o Cerrado é o maior bioma da América do Sul, no Brasil abrange oito estados: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e o Distrito Federal, além de alguns encraves (terreno dentro de outro) no Amapá, Amazonas e Roraima. Para além disso, compreende alguns territórios do nordeste do Paraguai e também no leste da Bolívia.

A espacialização vasta do Cerrado abriga uma vegetação diversa e produz paisagens distintas seja por áreas campestres desde formações florestais densas, conhecidas por fitofisionomias. O solo, o clima e o relevo são também compostos por uma variedade de tipos.

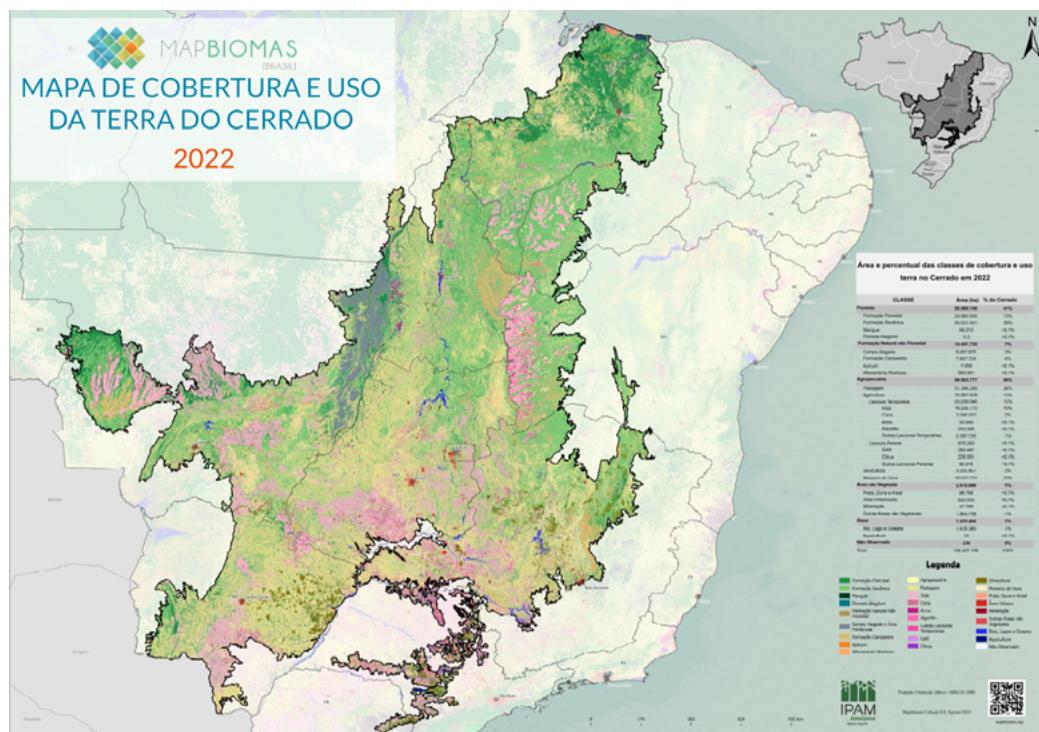
O Cerrado brasileiro, foco do nosso estudo, tem papel fundamental para manter o equilíbrio não apenas do Brasil, mas, da biodiversidade global, segundo estudos disponíveis no Museu Virtual do Cerrado da Universidade de Brasília (IEB, 2024), uma vez que é considerado uma região das mais biodiversa do planeta, compreendendo cerca de 5% do total da biodiversidade mundial.

Outro aspecto importante é a questão hídrica. Cortado por três das maiores bacias hidrográficas da América do Sul, tem índices pluviométricos regulares que lhe propiciam sua grande biodiversidade. Seis das oito grandes bacias hidrográficas brasileiras têm nascentes no Cerrado: a bacia Amazônica (rios Xingu, Madeira e Trombetas), a bacia do Tocantins (rios Araguaia e Tocantins), a bacia Atlântico Norte/Nordeste (rios Parnaíba e Itapecuru), a bacia do São Francisco (rios São Francisco, Pará, Paraopeba, das Velhas, Jequitáí, Paracatu, Urucuia, Carinhanha, Corrente e Grande), a bacia Atlântico Leste (Rios Pardo e Jequitinhonha) e a bacia dos Rios Paraná/Paraguai (rios Paranaíba, Grande, Sucuriú, Verde, Pardo, Cuiabá, São Lourenço, Taquari, Aquidauana).

Apesar do clima semiárido e regiões com períodos de deficiência hídrica, as águas da chuva conseguem penetrar o solo e abastecer os aquíferos e nascentes. E, justamente pelo fato do solo ser rico em água, serve como um grande reservatório subterrâneo, como é o caso do Aquífero Guarani.

Portanto, segundo medições do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (INPE), desde 2019 o desmatamento no Cerrado vem crescendo vertiginosamente. Em 2023, o bioma perdeu 11 mil km², a maior cifra desde 2015 e o equivalente a sete vezes o tamanho da cidade de São Paulo. De acordo com dados do Mapbiomas (2024), de agosto de 2023 a junho de 2024, a área sob alertas de desmatamento no bioma foi de 3.644 km², uma redução de 51% na comparação com o período

de agosto de 2022 a junho de 2023. O mapa 01 mostra a cobertura e uso da terra no bioma Cerrado em 2022:



Fonte: <https://brasil.mapbiomas.org/en/mapa-mural/>

Segundo os dados oficiais divulgados pelo PRODES CERRADO, programa de monitoramento do INPE, em 2022, foi registrado a maior taxa de desmatamento em sete anos, de 10.689 km². O mapa 01 mostra a situação do Cerrado em 2022 e, a partir de então, infelizmente só tem agravado.

Conforme dados do INPE (2024), tem-se registrado altas taxas de desmatamento nos últimos meses e os novos números registraram mais um recorde de desmate nessa última temporada: 7.015 km² de alertas de desmatamento, um aumento de 9%.

Nesse contexto, comprehende-se que o agronegócio enquanto conceito e processo é sem dúvida uma importante marca do Cerrado brasileiro, não só por ter estabelecido, um território das *Commodities* agrícolas principalmente de (soja, milho, cana-de açúcar, eucalipto e algodão) ou usado para a extração de matérias-primas voltadas à produção industrial, mas também por responder pelas significativas transformações ambientais, que colocaram este bioma entre as regiões biodiversas mais ameaçadas do mundo (*hotspot* de biodiversidade).

A devastação da vegetação nativa do Cerrado para uso da terra por atividades de agricultura, pecuária e mineração preocupa especialmente por suas consequências para a dinâmica hídrica nacional e, consequentemente, na produção de alimentos na região.

E como o ambiente não exclui as relações sociais e culturais que nele se processam, como relata Saquet (2019), o empobrecimento e as perdas não se dão somente no âmbito da fragmentação das paisagens, mas também no extermínio das culturas, práticas e modos de vida dos povos tradicionais que ali vivem. Assim, pode-se dizer que as ameaças são à sociobiodiversidade. Para Krenak (2019, p. 22):

A ideia de que a Terra é um ser vivo e de que nós somos parte dela foi rompida. Essa separação criou a possibilidade de explorarmos a natureza como se ela fosse apenas um recurso a ser usado e consumido. A humanidade precisa reconhecer que a Terra é um organismo vivo, do qual fazemos parte, e que não podemos continuar tratando-a como uma coisa inerte, separada de nós.

Além do agronegócio, dados do Instituto Socioambiental (ISA, 2020), evidenciam que as pressões à sociobiodiversidade do Cerrado, também são impulsionadas pelos grandes empreendimentos hidrelétricos e os projetos de mineração. Essas pressões chegam até as Terras Indígenas e seus povos.

Povos Indígenas do/no Cerrado Brasileiro

De acordo com estudos do ISA (2022), o Cerrado é o terceiro em quantidades de Terras Indígenas do país em torno de 216 (TIs) com mais de 80 diferentes povos, distribuídos principalmente nos estados do Maranhão, Tocantins, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, com população de aproximadamente 100 mil indígenas. O estudo apontou ainda sobre o papel fundamental de Povos Indígenas e Tradicionais como guardiões das florestas do Brasil. Além da alta tecnologia social no manejo tradicional das florestas, a presença de Povos Indígenas amplia a governança sobre os territórios e promove contribuições socioambientais importantes para recuperar áreas degradadas.

O estudo do ISA (2022), mostrou ainda que os Povos Indígenas e Tradicionais são responsáveis, juntos, pela proteção de um terço das florestas no Brasil. Nos últimos 35 anos, somente as Terras Indígenas protegeram 20% do total de florestas nacionais. Que as Terras Indígenas e as Reservas Extrativistas apresentaram melhor performance na proteção das florestas quando comparadas com Unidades de Conservação de proteção integral ou Áreas de Proteção Ambiental (APAs). Os territórios de ocupação tradicional também funcionam como barreiras contra o desmatamento.

Em 2022 dados do ISA, mostra que 40,5% das florestas brasileiras estão protegidas no sistema nacional pela presença de Terras Indígenas, Territórios Quilombolas, Reservas Extrativistas e Reservas de Desenvolvimento Sustentável. Em todo o território nacional, não somente na Amazônia, é possível observar o papel das Terras Indígenas na proteção das florestas.

Nos últimos 35 anos, as Terras Indígenas atuaram como grandes barreiras contra a degradação das florestas. Veja a tabela 01 e entenda o papel dos povos indígenas como vetores de preservação, por região:

Tabela 01. Área Preservada - % da área total (a)

Ocupação tradicional	Área Preservada - % da área total (a)						
	Amazônia	Cerrado	Mata Atlântica	Caatinga	Pantanal	Pampa	Brasil
Terra Indígena	95	89	37	46	85	72	89
Quilombo	56	68	37	43	-	55	49
UC - OT permitida	95	91	85	49	-	-	94
UC - OT tolerada	97	57	50	89	-	-	88
UC - OT não permitida	97	87	83	87	98	69	87
UC sem restrição	70	57	42	67	-	65	55

Fonte: <https://www.socioambiental.org/noticias-socioambientais/estudo-comprova-que-povos-indigenas-e-tradicionais-sao-essenciais-para> (ISA, 2022). Acesso em: 12 ago. 2025.

Isso ocorre, pois os povos Indígenas e populações tradicionais possuem outras concepções de natureza e, consequentemente, outras formas de interagir com o meio ambiente. Os saberes desses povos e suas práticas de manejo estão mesclados às paisagens. Além disso, os modos de ocupação tradicional promovem barreiras contra o desmatamento e favorecem a regeneração florestal (ISA, 2022).

Portanto, mesmo sendo guardiões essenciais do Cerrado (Silva, 2011), e de ter proteção de seus territórios garantida no artigo 231, § 2º, da Constituição Federal que determina que as terras tradicionalmente ocupadas pelos indígenas se destinam a sua posse permanente, cabendo-lhes o usufruto exclusivo das riquezas do solo, dos rios e dos lagos nelas existentes, grandes partes das Terras Indígenas não têm regularização fundiária.

Isso porque a demarcação de Terras Indígenas no Brasil é um processo bastante complexo, afinal, vários interesses distintos estão em jogo. E assim, comprehende-se que a questão agrária sempre foi e ainda é o cerne dos conflitos que envolvem TI no Brasil (Silva, 2016).

Assim, se o Cerrado está constantemente sobre a pressão das atividades econômicas que o devasta para gerar lucros (agronegócio; mineração; pecuária; usinas

hidrelétricas; madeireiros; entre outros), os povos que nele habita, com suas culturas, seus territórios e o desenvolvimento territorial e sociocultural sustentável, também estão sob ameaça. Se o centro do Brasil tem como referência o agronegócio, não se vê na propaganda da TV que essa região é na verdade o coração que dá vida à diferentes povos e culturas e seus lugares sagrados.

Célia Xakriabá, liderança do povo Xakriabá no Norte de Minas Gerais e da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) chama atenção na matéria realizada por Vecchione, Conceição, Pereira e Liebgott, em abril de 2021 de que:

[...] os avanços econômicos são de “monoculturação” do território, do corpo e do espírito, adoecendo os povos, e impedindo sua diversidade de viver, o que compromete a sobrevivência do e no Cerrado. “Somos raízes, mas, principalmente somos sementes”. O impedimento de que a sobrevivência consorciada ao ‘sementear’ dos povos indígenas no Cerrado seja exercitada compromete planos de vida, impedindo que este continue a ser sociobiodiverso (Célia Xakriabá, 2021).

Celia Xakriabá afirma ainda que de outra forma, mas, sob as mesmas bases, a fronteira se reinventa e continua secando rios e matando povos por isso:

Nós precisamos é queimar o racismo, nós precisamos é queimar o fascismo porque isso, sim, é a fronteira. A fronteira não é exatamente do Cerrado para outros biomas. A fronteira é o racismo ambiental, a fronteira é o racismo que continua amputando, arrancando nossos corpos. A fronteira é aquela que diz que os povos indígenas estão se tornando mais humanos, mas, só sabe ser humano quem sabe ser bicho, quem sabe ser semente, quem sabe ser Cerrado (Célia Xakriabá, 2021).

O esforço por tornar os indígenas do Cerrado mais ‘produtivos’ e integrados, ou, simplesmente, “mais humanos”, como aponta Célia Xakriabá, faz parte do apagamento de seus modos de vida pelo processo de acumulação capitalista de suas terras. Isso remete muito ao que seja uma ideia de modernização conservadora da agricultura, do agronegócio, com base em eficiência e produtivismo, necessitando de grandes extensões para o cultivo de poucas espécies. A “monoculturação” da terra e da vida, de que nos fala Célia, precisou, assim, da fronteira e do apagamento dos modos de vida e da desqualificação da diversidade produtiva e alimentar dos povos indígenas das terras baixas da América do Sul (Célia Xakriabá, 2021).

Elza Xerente, liderança do povo Xerente no Tocantins que também participou da matéria, denuncia o apagamento das pluralidades do existir de seu e outros povos do Brasil Central, falando forte, ao chacoalhar o espírito: “estão matando o povo, o rio, os bichos; está tudo secando [...] estão matando a gente”, destaca ainda que:

O território se cultiva. O silêncio que se percebe quando se conversa com o Cerrado, é o silêncio que mostra como sua vida está ameaçada. A natureza tem vida que nem o ser humano e pede para nós defender. Se acabar com os frutos do Cerrado, como vamos nos

alimentar? Vamos passar fome. Todo mundo tem o direito de viver. [...] Essa pulverização aérea está acabando com a vida dos povos indígenas (Elza Xerente, 2021).

Frente a toda problemática apresentada pelos indígenas (originários da terra), é urgente um estudo que mostre com profundidade a situação desses povos que vivem no ambiente Cerrado. Por isso, essa pesquisa será muito importante para evidenciar e desmascarar realidades de vidas indígenas que, assim como o Cerrado, também gritam por socorro.

Resultados parciais

A presente pesquisa investiga povos e Terras Indígenas que estão em áreas completamente de Cerrado nos estados: Minas Gerais, Goiás, Tocantins, Bahia, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Piauí e o Distrito Federal. Nesses estados o Cerrado é mais característico ou ocupa a maior parte da área territorial.

Entre os resultados realizados e esperados estão:

1. Organizar Grupos de Trabalhos para cada Estado (já realizado);
2. Distribuir tarefas nos grupos para o levantamento de dados (IBGE, 2022) e FUNAI, referente à quantidade de Terras Indígenas no Cerrado (já realizado);
3. Construir um site sobre a pesquisa e todo acervo levantado. O site já foi criado e pode ser acessado no endereço: <https://indigenasdocerrado.wixsite.com/indigenascerrado>.
4. Elaborar mapas sobre povos Indígenas do Cerrado e suas distintas realidades territoriais e de vida (em andamento);
5. Realizar entrevistas com representantes de povos indígenas (em andamento);
6. Construir junto com indígenas cartografias socioculturais e desenhos que represente o Cerrado (em andamento)
7. Publicar um livro que discuta a situação ambiental, territorial e sociocultural das Terras Indígenas e povos do Cerrado Brasileiro (etapa final).

Das etapas já realizadas, o item 1 – os grupos de trabalhos para cada estado foram organizados da seguinte forma, conforme quadro 01:

Quadro 01. Equipes por estado

ESTADOS	COORDENADORES	EQUIPES POR ESTADO
Bahia	Awá Nimboadju Guarani Nhandewa (Reginaldo) Leia (UEL)	Giovana Sanna Marta Mamédio Alan Alieve (UEL) Valney Rigonato (UFOB)
Distrito Federal	Cintia Guajajara Ariel Pheura (UNB)	Ozimo Sinara (UNB) Diego Allen Paulo Roberto (UEG)
Goiás	Eunice Tapuia (UFG) Mirna Kambeba Welinton Tapuia	Diego (UEG) Joyce (UEG) Nayara (UEG) Wahuka Karajá Helio Rodrigues Dos Santos
Maranhão	Silvia Krikati Fábio Cardias (UFMA)	Diolina Krikati Rodrigo (UEG) Soraia (USP) Jose Alecrim Canela
Mato Grosso	Cristovão Xavante Yara Pereira	Mauro Xavante Waldineia (Unemat) Caetano Xavante Alceu Zolia (Unemat)
Mato Grosso do Sul	Rosilei Souza Guarani Kaiowa Edevaldo Souza (UEG)	Eliane Pagani (UEL) Joannes Vinicius (UEG) Alexsander (UEG)
Minas Gerais	Cláudio Canela Heitor Paladim (UP)	Vivian (Unimontes) Renato (UEG) Ana Ivania (Unimontes)
Piauí	Cintia Guajajara Ordália (UEG)	Saulo (UEG) Karla Teixeira Poliene Bicalho (UEG) Alcione Guajajara
Tocantins	Vanessa Iny Charles (UEG)	Calaça (UFG) Kamutaja Ává-Canoeiro Typire Silva Ává Ava Canoeiro Selvia (IFG) Heid Karla

Fonte: Organização da coordenação de pesquisa (2025).

No item 2, as tarefas foram distribuídas entre os grupos para o levantamento de dados junto ao IBGE e à FUNAI. O site construído (item 3), além da página inicial com fotografias dos povos indígenas do Cerrado, conta com diferentes abas de navegação, estruturadas da seguinte forma:

- **Do projeto:** apresenta informações sobre a pesquisa acerca dos povos indígenas do Cerrado brasileiro e o desenvolvimento territorial sustentável no espaço rural e urbano, fundamentada na metodologia da pesquisa-ação. Também contempla as características do bioma Cerrado, as Terras Indígenas nele situadas, os objetivos e o delineamento metodológico do estudo, os resultados esperados e a rede de laboratórios parceiros, como o Laboratório de Geoprocessamento para Análises Ambientais e Territoriais do Cerrado (LABCERRADO/PPGEO) e o Laboratório de Cartografia e Geoprocessamento (LABOCAGEO), ambos vinculados ao Câmpus Cora Coralina, da Universidade Estadual de Goiás, além de outros espaços.
- **Dos povos indígenas do Cerrado:** reúne fotografias e registros produzidos pelos próprios indígenas, organizados por estado, evidenciando os povos pesquisados.
- **Da equipe e contatos:** apresenta, de forma detalhada, os integrantes da pesquisa e as formas de comunicação.
- **Cartografias e narrativas:** ainda em construção, essa aba será dedicada à divulgação dos mapas elaborados por cada grupo de pesquisa, apresentando as Terras Indígenas localizadas no Cerrado.

Quanto às etapas em andamento (itens 4 a 7), foram estabelecidas as seguintes tarefas:

1. Organizar um quadro com os povos e as Terras Indígenas presentes em cada estado pesquisado, indicando sua localização por município.
2. Em diálogo com os indígenas que participam dos grupos ou com outros interlocutores, elaborar cartografias socioculturais e representações gráficas baseadas na percepção dos povos sobre o Cerrado. Em algumas comunidades, estudantes indígenas têm produzido desenhos nas escolas de suas aldeias, registrando suas compreensões sobre o território e natureza.
3. Produzir textos que contextualizem historicamente e geograficamente cada povo indígena, destacando aspectos do passado e atuais, com ênfase na questão territorial e nas pressões socioeconômicas enfrentadas (agro-negócio, usinas hidrelétricas, pecuária, turismo, mineração, entre outros). Esses textos comporão os capítulos de um livro/cartilha a ser publicado.

A partir do conjunto de ações descritas, observa-se que o projeto não se limita ao levantamento de dados, mas se estrutura como uma prática colaborativa que

integra pesquisa, tecnologia e saberes indígenas. O site, ao reunir informações institucionais, registros fotográficos, cartografias e narrativas, revela-se como um espaço de visibilidade e valorização das múltiplas formas de expressão dos povos do Cerrado.

Nesse processo, a participação ativa das comunidades indígenas, por meio da produção de imagens, desenhos e relatos, assegura que a construção do conhecimento não seja apenas sobre os povos, mas com eles, reafirmando a interculturalidade conforme Eunice Tapuia (2008) como princípio metodológico e político.

Desse modo, o projeto contribui para fortalecer a memória coletiva, dar suporte a processos de resistência frente às pressões socioeconômicas e ampliar os horizontes de compreensão sobre a centralidade das Terras Indígenas na sustentabilidade do Cerrado.

Considerações Finais

É sabido que a situação do bioma Cerrado é muito grave devido à intensa destruição do mesmo, por diferentes atividades econômicas, sobretudo, do agro-negócio. Frente a situação que o bioma se encontra e das leis ambientais brasileiras ineficientes na prática, é também preocupante a situação dos povos que vivem nesse ambiente há séculos resistindo e lutando para permanecer em seus territórios.

É do Cerrado que muitos povos realizam seus artesanatos, pinturas, adornos e vários elementos que necessitam para as práticas culturais através da coleta de sementes, palha de buriti, jenipapo, coco-babaçu, capim dourado, entre outros. Para alimentação há muitos frutos: pequi; buriti, cagaita, mangaba, baru, murici, araticum, etc, e animais como o: tatu-canastra, veado-mateiro, raposa-do-campo, gato-do-mato, macaco-prego, tamanduá bandeira, lontra, catitu, queixada, teiu, jacú, capivara, paca, entre outros. Raízes, folhas e caule de árvores do Cerrado são essenciais para o tratamento e rituais de cura como: sucupira; algodão; jatobá, tingui, barbatimão, maracujá, arnica, entre outras.

Os Povos indígenas são caminhantes de rios, serras e chapadas, florestas, cuidadores de roças de toco; pescadores, caçadores, coletores, guardiões de sementes e conhecimentos de cura. Não conhecem as técnicas científicas, mas fazem o manejo da natureza (sua casa), com a sabedoria do cuidado, respeito e para futuras gerações.

Essas, entre tantas outras, são trocas necessárias com o Cerrado que contribuem para soberania alimentar, realização de práticas culturais milenares e autonomia dos povos. Sem Cerrado muitos povos acabam ficando sem terra, sem ter o que comer, e são obrigados a se deslocarem de seus territórios até mesmo para cidades

próximas, entrecruzam outro tempo que tem hora marcada para tudo acontecer. E expostos à tantas vulnerabilidades e violência inicia-se problemas de drogadição, prostituição, alcoolismo, suicídio e tantos outros, que outrora não existia.

Desse modo, não há outra compreensão: se o Cerrado está em risco os povos que nele habita também estão. Portanto, como o Estado e as grandes empresas que atuam na implementação de grandes empreendimentos nesse bioma agem estrategicamente as informações que existem sobre os povos do/no Cerrado são fragmentadas, com registros insuficientes para compreender como as pressões chegam em seus territórios ameaçando e ou expulsando.

Diante do que foi apresentado a presente pesquisa além da confecção de um mapa que apresenta a espacialização dos povos indígenas do Cerrado, visa organizar um material que proporcione registros que descrevam as realidades de cada povo indígena que vivem nesse ambiente.

Referências

- IBGE (2010). Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 22 ago. 2025.
- IBGE (2022). **Terras Indígenas do Cerrado Brasileiro**. Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/>. Acesso em: 12 abr. 2025.
- ISA. **Instituto Socioambiental (2020)**. Disponível em: <https://www.socioambiental.org/pt-br/blog/blog-do-isa/pl-da-devastacao-pode-ser-um-liberou-geral-para-mineracao-em-315-terrass-indigenas>. Acesso em: 08 maio 2025.
- IEB. Museu Virtual do Cerrado da Universidade de Brasília (IEB, 2024). **Cerrado**. Disponível em: <https://www.mvc.unb.br/>. Acesso: 22 ago. 2025.
- INPE. **Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais**. Disponível em: [https://terrbrasilis.dpi.inpe.br/pesquisa-fip-fm-cerrado/pesquisa](https://terrabrasilis.dpi.inpe.br/pesquisa-fip-fm-cerrado/pesquisa). Acesso em: 08 ago. 2025.
- INPE/PRODES. **Bioma Cerrado**. Disponível em: <https://www.gov.br/inpe/pt-br/assuntos/ultimas-noticias/a-area-de-vegetacao-nativa-suprimida-no-bioma-cerrado-no-ano-de-2023-foi-de-11-011-70-km2>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KNECHTEL, Maria do Rosário. **Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada**. Curitiba: Intersaberes, 2014.
- MAPBIOMAS. **Cerrado**. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/2024/05/28/cerrado-lidera-desmatamento-tambem-em-territorios-protedidos>; <https://brasil.mapbiomas.org/en/mapa-mural/>. Acesso em: 08 ago. 2025.
- MIGNOLO, Walter. Desafios decoloniais hoje. **Epistemologias do sul**, Foz do Iguaçu/PR, n. 1, p. 12-32, 2017.
- NAIDITCHF, F. Pesquisa - ação. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- TAPUIA, Eunice. P. C. M. Direitos indígenas e interculturalidade: Desafios para a implementação das políticas públicas. **Revista Brasileira de Educação**, [S. l.], v. 23, e230022, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1413-24782018230022>.

SAQUET, Marcos Aurélio. O Território: A Abordagem Territorial e suas Implicações nas Dinâmicas de Desenvolvimento. **Revista da Unioeste - IGepec**, Toledo, v. 23, p. 25-39, Edição especial, 2019.

SILVA, Lorranne Gomes da. Avá-Canoeiro: guardiões do Cerrado do Norte Goiano. **Ateliê Geográfico**, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 116-138, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ag.v4i1.16685>.

SILVA, Lorranne Gomes da. **Singrar rios, morar em cavernas e furar jatoká:** ressignificações culturais, socioespaciais e espaços de aprendizagens da família Avá-Canoeiro do Rio Tocantins. 2016. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.

VECCHIONE, Marcela; CONCEIÇÃO, Antônio Verissimo da; PEREIRA, Laudovina Aparecida; LIEBGOTT, Roberto Antônio. Povos Indígenas do Cerrado. **Campanha Nacional em Defesa do Cerrado**, abr. 2021. Disponível em: <https://www.campanhacerrado.org.br/noticias/279-povos-indigenas-permanecendo-em-alianca-nas-fronteiras-construidas-sobre-o-cerrado>. Acesso em: 12 ago. 2025.

XAKRIABÁ, Célia. **Povos Indígenas do Cerrado:** cultivando r-existências diversas. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/povos-indigenas-do-cerrado-cultivando-rexistencias-diversas/>. Acesso em: 22 ago. 2025.

XERENTE, Elsa. **Povos Indígenas do Cerrado:** cultivando r-existências diversas. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/povos-indigenas-do-cerrado-cultivando-rexistencias-diversas/>. Acesso em: 22 ago. 2025.